

# Arqueologia História

Volume nº 58|59 - 2006|2007

Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses

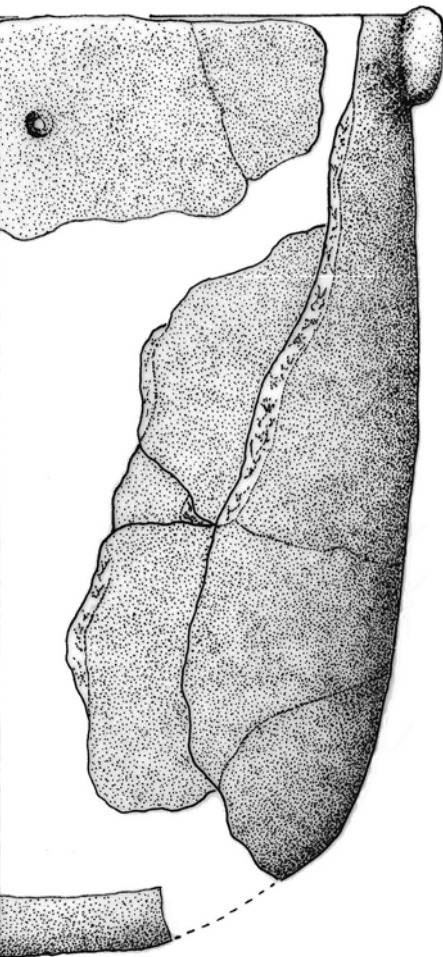
In Memoriam

Teresa Gamito  
João José Fernandes  
Gomes



# Fragmentos da Paisagem: o pote isolado da Ponte da Azambuja 3

Andrea Martins<sup>1</sup>  
César Neves<sup>2</sup>  
Marisa Cardoso<sup>3</sup>



## 0. Nota Prévia

O presente texto resulta de uma apresentação realizada pelos signatários no *IV Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*, que teve lugar em Aracena. Uma vez que as Actas do referido Encontro, seguindo as normas iniciadas com *III Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*, serão publicadas em CD-ROM, optou-se por publicar este trabalho na revista *Arqueologia & História*, espaço cultural e de debate científico que muito nos apraz, e à qual estamos gratos pela oportunidade de efectuar esta colaboração.

Lisboa, 27 de Fevereiro de 2009

## 1. Introdução

Durante a execução do acompanhamento arqueológico realizado no âmbito da empreitada de implementação do Aproveitamento Hidroagrícola de Monte Novo – Bloco 4, foi identificado “...um recipiente cerâmico, de dimensões razoáveis, que se encontra fragmentado devido à pressão do terreno. O recipiente foi identificado a uma profundidade aproximada de 2,50m do nível do terreno actual. Não foi atribuída qualquer cronologia a este sítio.” (EDIA – referência nº 6164/DEAOT/DIAP/2007).

Afim de se registar e caracterizar os níveis arqueológicos observados, bem como de se determinar a existência e grau de conservação dos contextos estratigráficos, foi implantada uma sondagem arqueológica de 2x2 m. Para a realização das medidas de minimização propostas, a EDIA, S.A., contratou os serviços da empresa de Arqueologia CRIVARQUE, Lda., tendo sido um dos signatários o responsável científico pela mesma. A intervenção teve a duração de dois dias úteis, tendo ocorrido entre os dias 27 e 28 de Setembro de 2007.

<sup>1</sup> Doutoranda em Arqueologia Pré-Histórica (Universidade do Algarve), Fundação para a Ciência e Tecnologia – [andrea.arte@gmail.com](mailto:andrea.arte@gmail.com)

<sup>2</sup> Mestrando em Arqueologia (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa) – [c.augustoneves@gmail.com](mailto:c.augustoneves@gmail.com)

<sup>3</sup> Arqueóloga – [tropicodcancer@sapo.pt](mailto:tropicodcancer@sapo.pt)

## 2. Enquadramento

### Localização Administrativa e Geográfica

O sítio arqueológico Ponte da Azambuja 3 localiza-se, administrativamente, em Portugal, na freguesia de Monte do Trigo, concelho de Portel e distrito de Évora. A zona intervencionada localiza-se na Carta Militar de Portugal na folha nº 472, na escala de 1:25 000 (Fig. 1).

As coordenadas correspondentes no Datum Lisboa são:

M – 236310,63

P – 161887,84

A – 166,70 m

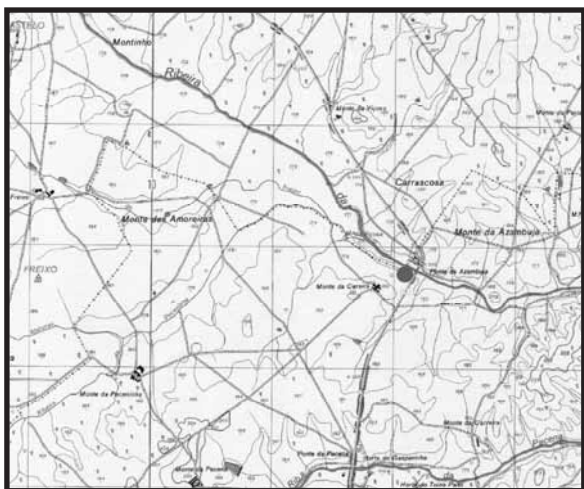
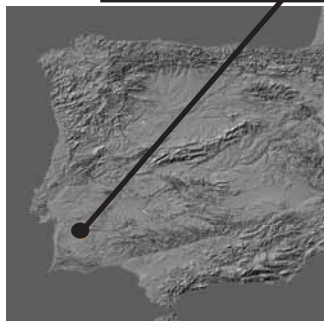


Figura 1 – Localização da Ponte da Azambuja 3 na Península Ibérica e CMP 1: 25 000



### Geologia e Geomorfologia

Geomorfologicamente, o sítio Ponte da Azambuja 3 implanta-se em plena peneplanície alentejana, unidade fundamental do relevo, encontrando-se, nesta zona, levemente dissecada pela rede hidrográfica.

Na área da Carta Geológica 40-B esta unidade desenvolve-se irregularmente nas rochas granitóides, com altitudes que oscilam entre os 210 e os 220 m, encontrando-se rebaixada em relação às formações dos xistos metamórficos. Tal facto encontra-se bem demarcado no contacto entre as rochas granitóides e os xistos metamórficos no troço NNW-SSE do rio Degebe.

A área de implantação do sítio Ponte da Azambuja 3 corresponde à bacia hidrográfica do Rio Guadiana, sendo o principal curso de água daquela região o Rio Degebe (Carvalhosa *et al.*, 1991 p.24). Este rio recebe,

a montante, vários afluentes e diversas linhas de água, não se conhecendo, contudo, cursos de água de regime permanente, que denunciem a presença de recursos hídricos subterrâneos significativos. A ribeira da Azambuja é a linha de água mais próxima, encontrando-se a escassos metros do sítio arqueológico, correspondendo assim ao elemento geográfico com que o sítio está directamente relacionado. Trata-se de uma pequena linha de água, afluente da margem direita do rio Degebe, com um traçado moderadamente linear, de orientação Noroeste – Este e de caudal sazonal. Em alguns troços o seu traçado encontra-se muito alterado devido aos diversos trabalhos de construção de infra-estruturas.

No que se refere à Geologia da área em estudo, verifica-se que o sítio está implantado sobre rochas intrusivas, que, na Carta Geológica, encontram-se representadas no maciço eruptivo de S. Mancos, entre a Formação dos “Xistos de Moura” e os gnaisses migmatíticos (ambos pertencentes ao substrato Hercínico – Área da Vendinha).

Tratam-se de tonalitos gnáissicos de grão médio e fino ( $\Delta$  qz) compostos por: quartzo, plagioclase, biotite e hornblenda verde. Residualmente apresentam ainda mirmequite, feldspato potássico, apatite, esfena, zircão, minério opaco e, raramente, granada e turmalina (Carvalhosa *et al.*, 1991, p.24).

O sítio Ponte da Azambuja 3 localiza-se assim junto de uma pequena linha de água, no sopé de uma pequena elevação, sendo a sua visibilidade reduzida. Actualmente toda a área encontra-se muito transformada antropicamente, maioritariamente pelo IP2, que levou a que fosse necessário realizar um aterro de grandes dimensões nesta área.

### 3. Descrição dos trabalhos: metodologia e caracterização estratigráfica

No decorrer do acompanhamento arqueológico, realizado pelo arqueólogo André Freitas, durante a abertura de uma vala, foi identificado, a cerca de 4 m de profundidade, um recipiente cerâmico fracturado.

Foi implantada uma sondagem arqueológica com uma área total de 4m<sup>2</sup>, que correspondia à área contratualizada entre a EDIA, S.A. e a Crivarque, Lda. e, previamente, acertada com o IGESPAR.

Por motivos de segurança, foi retirado, mecanicamente, parte do talude, deixando cerca de 0,50m até ao nível do recipiente cerâmico, possibilitando assim a intervenção arqueológica.

A sondagem foi implantada nesta área disponível,

ficando o corte do talude dentro da área da sondagem. Optou-se por subdividir a sondagem, escavando-se primeiro 1 m, onde se encontrava o recipiente cerâmico, permitindo assim compreender a estratificação e a presença ou a ausência de mais materiais arqueológicos. (Fig.2)

A escavação arqueológica foi realizada integralmente de forma manual e decorreu em profundidade até atingir o substrato geológico. Os materiais arqueológicos recolhidos foram individualizados e identificados consoante a sua proveniência.

Esta intervenção desenvolveu-se metodologicamente segundo o princípio da estratigrafia de Harris, ou seja, por unidades estratigráficas (escavação de camadas, interfaces arqueológicas e estruturas, seguindo uma lógica inversa ao seu processo de formação, ou seja, a última camada arqueológica a formar-se foi a primeira a ser decapada) (Harris, 1991; Harris, et al., 1993).

Todas as unidades estratigráficas foram registadas através do preenchimento de uma ficha adequada ao método proposto e fotografadas em formato digital. As unidades estratigráficas foram registadas fotograficamente, realizando-se, por outro lado, os desenhos de todos os planos de depósitos, estruturas, alçados e perfis estratigráficos, à escala 1:20, sempre com a indicação das cotas altimétricas (Fig.3). A implantação da área de escavação, assim como todos os pontos altimétricos e registos topográficos efectuados, foram realizados com o apoio de uma equipa de topografia.

**Descrição estratigráfica:**

[101] – Depósito de formação natural, constituído por sedimento de matriz arenosa, solto a semi-compacto, muito heterogéneo, sendo constituído por uma sucessão de camadas muito finas mais arenosas e outras mais argilosas. Apresenta coloração castanho – clara e nas zonas mais argilosas torna-se mais escura e acinzentada. Tem escassos elementos pétreos de pequena dimensão e não apresenta qualquer tipo de materiais ou níveis arqueológicos. Cobre a [102]

[102] – Depósito de formação natural, caracterizado como nível de cascalheira. Sedimento argiloso,



Figura 2 – Aspecto de escavação do recipiente cerâmico *in situ* arqueológico.

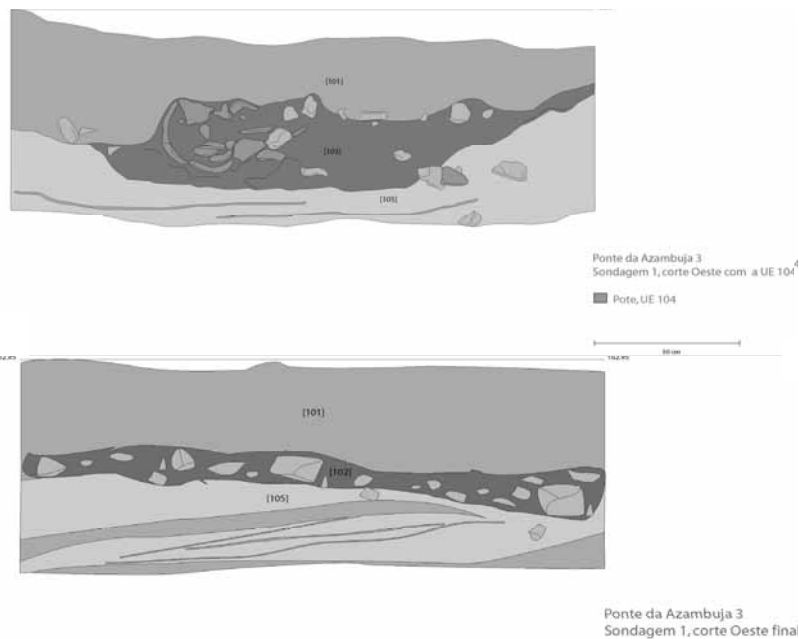


Figura 3 – Estratificação.

castanho-acinzentado, com zonas mais escuras, semi-compacto e muito plástico. Tem abundantes elementos pétreos (quartzo, granito e grano-diorito) de várias dimensões, sendo mais frequentes os pequenos e médios. Sem níveis ou materiais arqueológicos associados. Cobre a [103] e a [104].

[103] – Depósito de formação natural, constituído por sedimento de matriz areno-argilosa, solto a semi-compacto, muito heterogéneo, sendo constituído por uma sucessão de camadas muito finas mais arenosas e outras mais argilosas. Apresenta coloração castanho – clara e nas zonas mais argilosas torna-se mais escura e acinzentada. Tem escassos elementos pétreos de pequena dimensão. Ao centro encontram-se os fragmentos de cerâmica manual, que correspondem ao pote. Cobre a [105]

[104] – Recipiente cerâmico. Este pote foi colocado *in situ*, no momento de formação do topo da [103], não fazendo assim parte desta, estando coberto pela [102] e assentando na [103]. Encontrava-se fragmentado mas em conexão próxima, correspondendo todos os fragmentos cerâmicos ao mesmo recipiente, não existindo qualquer outro tipo de material arqueológico associado. Não foi identificado qualquer tipo de fossa ou depressão antrópica onde o recipiente tivesse sido colocado.

[105] - Depósito de formação natural, caracterizado como nível de cascalheira, idêntico à [102]. Sedimento argiloso, castanho-acinzentado, com zonas mais escuras, semi-compacto e muito plástico. Apresenta abundantes elementos pétreos (quartzo, granito e grano-diorito) de várias dimensões, sendo mais frequentes os pequenos e médios. Sem níveis ou materiais arqueológicos associados.

#### 4. Análise Geomorfológica

O contexto geomorfológico do sítio intervencionado torna-se determinante para a sua compreensão crono-cultural. O recipiente cerâmico encontrava-se a uma cota muito inferior do topo do terreno actual (Fig.4), coberto por uma sucessão de camadas aluvionares, ou seja, coberto por sedimentos transportados pela acção da deslocação da água e depositados neste local. A ribeira da Azambuja é o corpo de água corrente que se localiza a cerca de 10 m do sítio arqueológico, sendo assim o responsável pela erosão, transporte e deposição de sedimentos. Trata-se de uma ribeira de tipologia perene, ou seja, que apresenta água todo o ano, podendo unicamente secar em períodos de seca contínua. A descarga apresenta-se como o factor principal no sistema de erosão, transporte e deposição dos sedimentos aluvionares. Quando a força da corrente é mais forte do que a força da gravidade, inicia-se o arrastamento das partículas. O tamanho destas e a velocidade da corrente são os dois factores principais que possibilitam a erosão e transporte dos sedimentos em ambiente fluvial. As areias, siltes e argilas correspondem à maioria dos sedimentos transportados por energia fluvial. Por outro lado, os seixos e calhaus dependem, geralmente, de situações especiais de grande energia como são os momentos de cheia (Bicho, 2006, pp.318-320).

As camadas aluvionares observadas no sítio Ponte da Azambuja 3 reflectem estes ciclos de transporte e deposição de sedimentos: após um período de cheia ou migração da margem direita da ribeira com deposição

rápida e violenta de seixos e calhaus irregulares, sucedeu-se uma deposição de sedimentos mais leves constituídos, essencialmente, por grãos de areia e silte, intercalados por pequenos depósitos/níveis argilosos, resultantes do transporte aluvionar num momento em que a descarga do caudal foi mais gradual e calma. Sobre este nível, de areias junto à margem direita da ribeira, foi depositado o recipiente cerâmico, num momento anterior a um novo período de cheia violenta, visível através da análise do depósito sedimentar. Assim, sobre o nível onde se encontrava o pote reconhecemos nova sequência sedimentar: camada de seixos angulosos e irregulares, sobreposta por outra camada de areias, siltes e argilas correspondendo a distintos momentos de transporte e deposição aluvionares.

A camada mais recente depositada sobre o sítio arqueológico corresponde a sedimentos arenosos, com características distintas dos anteriores, quer em parâmetros cromáticos como em termos sedimentológicos. Tratam-se de areias contemporâneas depositadas no momento de construção do IP2, para nivelamento desta zona, permitindo a construção do viaduto sobre a ribeira da Azambuja.



Figura 4 – Localização do horizonte arqueológico face à topografia actual.

## 5. Análise Artefactual e Interpretação Crono-Cultural

A intervenção arqueológica revelou a existência de um depósito arqueológico *in situ*. O recipiente cerâmico foi colocado próximo da margem da ribeira da Azambuja, ou, mesmo na margem de outra pequena linha de água anteriormente existente neste local, numa deposição intencional revelada pela sua posição. Encontrava-se colocado direito, sendo que provavelmente foi realizada uma pequena cova para que se mantivesse nesta posição pois o seu fundo é ligeiramente convexo, porém esta acção não foi identificada no registo arqueológico (Figura 5).

Segundo um critério e análise meramente tecno-tiológica, o vaso da Ponte da Azambuja 3 caracteriza-se como sendo de grandes dimensões (diâmetro externo do bordo – 38cm; altura - 40cm; espessura máxima do bojo – 2cm), possivelmente pertencente a um contentor de armazenagem, estando praticamente intacto (composto por 29 fragmentos) na sua composição. No que diz respeito à sua produção, estamos perante um recipiente de produção manual, composto por argilas obtidas no território imediato de captação e exploração de recursos, a julgar pela elevada quantidade de elementos não plásticos de cariz marcadamente regional (quartzo, feldspato e micas).

A sua forma remete para um vaso de paredes rectas com um fundo parabolóide ou “quase” plano, estando esta dificuldade de caracterização associada às suas grandes dimensões e ao simples facto de se tratar de uma produção manual que confere ligeiras oscilações ao longo das paredes do recipiente.

Ao nível da temática de técnicas e padrões decorativos, o vaso da Ponte da Azambuja 3 tem presente, sobre o bordo, dois elementos de preensão atestados por dois mamilos cónicos. Nas paredes, o recipiente



Figura 5 – Vaso antes da sua remoção.

encontra-se totalmente liso. Apresenta apenas dois conjuntos de pequenas perfurações (4) de formato circular, localizadas abaixo do bordo, que poderiam ser resultado dos denominados “gatos”, ou seja, após a quebra de parte do recipiente este foi novamente “colado” com recurso a “agrafos”. Outra hipótese para estas perfurações será a de corresponderem a orifícios que permitiam a suspensão do recipiente. Esta hipótese será, meramente, especulativa e de difícil aferição científica, devido, por um lado, às grandes dimensões e peso elevado da peça, bem como à impossibilidade de visualização da localização, na peça, do segundo conjunto de perfurações, devido à sua fragmentação (Fig.6).

As características formais remetem-no para um espaço crono-cultural inserido na Pré-História recente do actual espaço peninsular, embora uma abordagem científica ao contexto onde foi identificado permita colocar propostas com balizas cronológicas mais estreitas.

Uma das leituras possíveis pode remeter este recipiente para o povoado Ponte da Azambuja 2, que se encontra a cerca de 150m deste achado. Trata-se de um recinto de fossos que terá um horizonte cultural que o insere no Neolítico final. Em termos tipológicos, o vaso da Ponte da Azambuja 3 encontra paralelos em sítios desta cronologia, como por exemplo no Monte da Quinta 2 (Valera, et al., 2006, fig. 4.1). No entanto, no registo artefactual da Ponte da Azambuja 2, não se observaram recipientes com dimensão semelhante ao da Ponte da Azambuja 3 (Rodrigues, 2008). Porém, esta intervenção não abrangeu a totalidade do espaço do sítio arqueológico, não sendo, assim, de descuidar que os limites do mesmo ainda possam integrar o espaço onde foi identificado este artefacto.

O Vaso da Ponte da Azambuja 3 surge num contexto, embora de difícil definição,

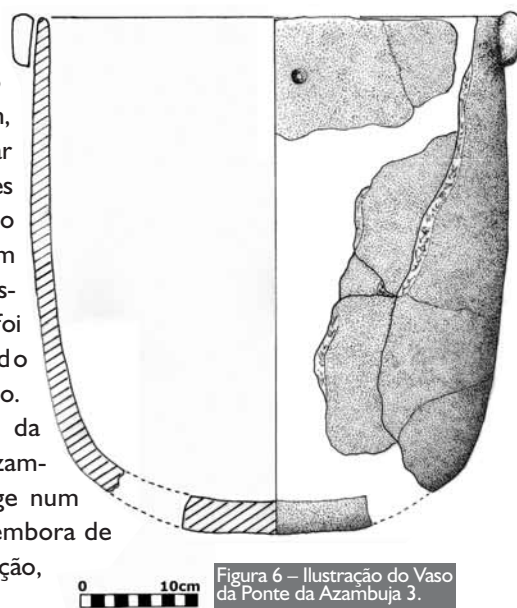


Figura 6 – Ilustração do Vaso da Ponte da Azambuja 3.

bem característico do actual território português. Recipientes isolados, aparentemente sem outros materiais ou elementos estruturais associados, próximos de linhas de água ou de zonas pantanosas e alagadiças, são comuns no registo arqueológico do Neolítico antigo no centro e sul de Portugal. Os vasos mais conhecidos e rapidamente identificados como enquadrados com o Neolítico antigo provêm de contextos semelhantes ao do vaso aqui reportado. Neste conjunto estão representados os vasos de Santarém, Cartaxo (Guilaine e Ferreira, 1970), Alto da Toupeira-Lousa (Castro e Ferreira, 1959; Guilaine e Ferreira, 1970), Casével (Pessoa, 1983), Monte da Vinha (GAMNA, 2005) e São Julião (Simões, 1999). No geral, foram encontrados de forma fortuita, em épocas distintas da investigação arqueológica em Portugal, o que terá contribuído para o parco conhecimento do contexto arqueológico e geomorfológico que os envolveria (Fig.7).

Esta realidade também encontra paralelos em outras zonas da Europa, associadas ao neolítico antigo, como em Ensuinès, Marselha (Courtin, J., 1972) e na Dinamarca (Price, 2000, p. 278).

Os vasos de São Julião e Monte da Vinha poderão estar associados a áreas de povoamento. No caso de São Julião, Teresa Simões afirma poder haver uma grande proximidade com um concheiro identificado um pouco a norte do local onde foi identificado o vaso (Simões, 1999, p. 86 e 87). No que diz respeito ao vaso do Monte da Vinha, este foi identificado no decorrer de trabalhos agrícolas, podendo, segundo os proprietários do terreno, existir mais artefactos atribuíveis a uma ocupação neolítica (GAMNA, 2005, p. 1). A principal lacuna na abordagem científica deste tipo de contextos é o desconhecimento da forma como foram identificados pela primeira vez. Desconhecendo a envolvimento geomorfológica e arqueológica (nesta última, se, de facto, tinha algum “contexto arqueológico”) do espaço onde foram descobertos estes vasos, torna-se difícil aferir a real funcionalidade dos mesmos.

Se, por outro lado, considerarmos a hipótese destes artefactos terem sido, antropicamente, depositados de forma isolada, seguindo um padrão no que diz respeito ao local de depósito, afigura-se como provável uma funcionalidade votiva e simbólica desta acção. Nos referidos contextos da Dinamarca, um desses vasos continha restos de ossos não carbonizados de aves, supondo-se, desta forma, tratar-se de um depósito votivo de alimentos, em áreas limítrofes aos respectivos núcleos de povoamento (Price, 2000, p. 278). Por outro lado,

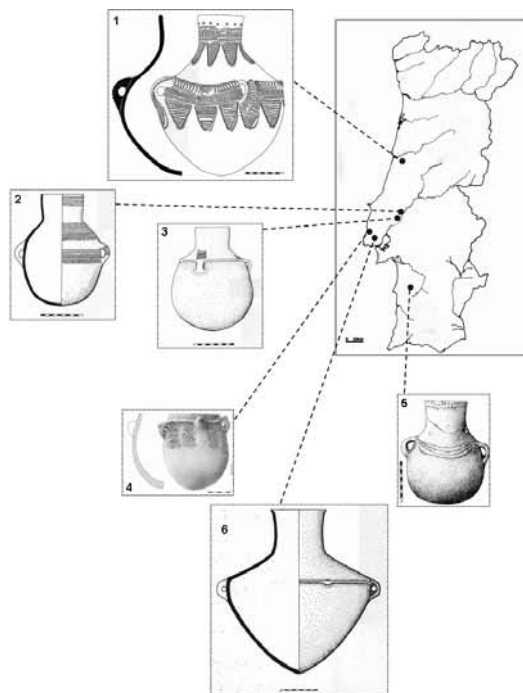


Figura 7 – Distribuição dos potes “isolados” do Neolítico antigo: 1. Casével; 2. Santarém; 3. Cartaxo; 4. Praia de S. Julião; 5. Monte da Vinha; 6. Alto da Toupeira-Lousa; (As imagens são retiradas das respectivas publicações, mas foram adaptadas para este trabalho; escala em centímetros)

esta realidade é desconhecida no território nacional. Em nenhum dos vasos foram observados quaisquer restos de matéria orgânica ou de outra qualquer natureza.

O paralelismo cronológico do vaso da Ponte da Azambuja 3 com o Neolítico antigo também encontra semelhanças num quadro de análise tecno-tipológico do próprio vaso. Embora os recipientes acima referidos, em contraste com o da Ponte da Azambuja 3, tenham dimensões mais reduzidas, a verdade é que existem no registo arqueológico, em povoados, vasos com dimensões aproximadas ao recipiente que aqui se reporta e com claras semelhanças morfológicas. Na Valada do Mato e São Pedro de Canaferrim estão presentes fragmentos de vasos de grandes dimensões, com a funcionalidade direccionada para o armazenamento, atestando um elevado grau de estabilização destas sociedades, quer na implantação de povoamento, quer ao nível da produção de alimentos (Diniz, 2007; Simões, 1999). No sítio da Cabranosa, um dos poucos povoados que revelou um conjunto cerâmico com recipientes quase intactos, observam-se grandes vasos com grande proximidade formal com o da Ponte da Azambuja 3 (Cardoso et al., 1998, fig. 4 e 5).

Nos vasos identificados em condições, aparente-

mente, semelhantes com o da Ponte da Azambuja 3, observa-se uma temática decorativa diferente do vaso aqui analisado. Estão presentes diversos elementos e técnicas decorativas (impressão, aplicação plástica, incisão e compósita) em oposição ao observado neste recipiente, onde só estão presentes dois mamilos cônicos. Estes mamilos terão que funcionalidade? Serão elementos funcionais de prensão e manuseamento do recipiente? Ou terão uma índole essencialmente decorativa? Tendo em conta as suas reduzidas dimensões (2 cm de espessura) e as próprias dimensões do vaso, não é de crer que estes elementos tivessem a função de manuseamento e transporte do recipiente. Segundo os autores que estudaram os materiais da Cabranosa, este tipo de mamilos estarão dissociados, pelo seu carácter funcional, das pegas, visto terem dimensões mais reduzidas (Idem, 1998, p. 62 e 63). Segundo os mesmos, terão um carácter predominantemente decorativo e simbólico (Idem, 1998, p. 62). Neste povoado localizado na zona de Sargres, estes mamilos de menores dimensões estão "...estritamente articulados com outros elementos decorativos ou isolados." (Idem, 1998, p. 62).

Se a presença, no recipiente da Ponte da Azambuja 3, de decoração impressa, incisa e plástica através de cordões horizontais e verticais, permitiria uma caracterização cronológica mais precisa, por outro lado, a existência de mamilos isolados ou, desprovidos de qualquer outro motivo decorativo em recipientes cerâmicos do Neolítico antigo português é uma realidade vincada. Retomando a Cabranosa, refira-se a existência de um grande vaso "liso", com mamilos na parte superior do bojo (Idem, 1998, p. 83, fig. 7), na Valada do Mato, Mariana Diniz indica que "...o número de peças que possuem, para além de mamilos, decoração é, relativamente, escasso." (Diniz, 2007, p. 132), realidade esta que se encontra atestada noutros sítios com o mesmo horizonte crono-cultural.

Um vaso isolado, encontrado em zonas de linhas de água, não é uma realidade nova na Pré-História recente do actual espaço português. A importância do vaso da Ponte da Azambuja 3 e da intervenção arqueológica aí realizada está relacionada com facto de se conhecer o enquadramento geomorfológico do vaso, conseguindo perceber que foi aqui depositado de forma intencional. Se a descoberta destes artefactos, nos outros casos acima mencionados (com excepção dos vasos de São Julião e do Alto da Toupeira-Lousa), pode estar condicionada com o carácter monumental do recipiente (logo mais fácil de observar, mesmo a uns olhos menos

"preparados e científicos") em detrimento de outros elementos de cultura material, pelo contrário, o vaso da Ponte da Azambuja 3, desde da sua descoberta à sua remoção, foi realizada por arqueólogos e meios metodológicos desenvolvidos e adequados para o devido efeito.

### **6. Ponte da Azambuja 3: problemas e futuras linhas de investigação**

Este sítio arqueológico apresenta diversas premissas que condicionam a sua interpretação: a própria área intervencionada e o seu enquadramento geomorfológico. O enquadramento crono-cultural da realidade intervencionada na Ponte da Azambuja 3 encontra diversas limitações ao nível da sua caracterização, pois a área intervencionada corresponde à zona de minimização de impacto após a identificação do recipiente cerâmico no decorrer do acompanhamento arqueológico. Assim é uma área restrita do ponto de vista arqueológico correspondendo a um espaço aleatório, deixado para possibilitar a intervenção arqueológica, mas que não corresponde a um contexto arqueológico integral. Este parâmetro espacial leva a que a interpretação do sítio fique, desde o início, condicionada. Torna-se impossível saber o contexto arqueológico em que se insere este recipiente cerâmico, pois na área intervencionada ele encontrava-se totalmente isolado, sendo que a realidade poderá ser distinta num local muito próximo.

Assim, podemos afirmar que, num determinado momento da Pré-História recente, foi colocado intencionalmente um pote, próximo do leito de uma ribeira, sem qualquer outro tipo de material ou nível arqueológico associado. Não foi aferido se foi realizada uma cova para o manter de pé ou se continha no seu interior qualquer tipo de material, independentemente da sua natureza.

Posteriormente, processos de deposição fluvial levaram a que ficasse coberto por diversas camadas de sedimentos de matriz aluvionar, estéreis do ponto de vista arqueológico. Os trabalhos de construção do IP2, que se localiza muito próximo, originaram a deposição de uma camada muito espessa de sedimentos, observada no talude. Estas diversas camadas de sedimentos levaram a que o pote ficasse fracturado, devido ao peso exercido, ficando colmatado até que os trabalhos de abertura da vala para a conduta principal e a acção do acompanhamento arqueológico o identificou e revelou novamente.

Que realidade social demonstra esta acção de colocar

este vaso de forma isolada? Que significado simbólico estaria implícito nesta acção? Seria uma constante das populações do neolítico antigo? Se assim for, haverá um desvio arqueográfico que impeça a detecção de realidades semelhantes?

Os parques conhecidos que se detêm acerca destas realidades impossibilitam, nesta fase, a sua interpretação funcional. De futuro, será imperativo a observação dos resultados provenientes de intervenções recentes na área do Alqueva, ocorridas no âmbito de minimização de impactes. Destas, importará destacar as que possibilitaram a identificação de núcleos de habitat do Neolítico antigo, nomeadamente em áreas limítrofes à Ponte da Azambuja 3. Por outro lado, parece-nos determinante perceber se os vasos identificados de forma isolada farão, ou não, parte integrante de uma zona dentro de um possível núcleo habitacional, que por razões de natureza arqueográfica, não foi reconhecido aquando a identificação dos mesmos. Tornase assim, relevante, voltar aos locais onde foram identificados, proceder a prospecções arqueológicas, observar na bibliografia a existência de povoamento do Neolítico antigo na envolância e, no caso do vaso do Monte da Vinha, observar os materiais arqueológicos que parecem estar associados a si, que poderão ser cronologia análoga mas que, talvez por serem menos “monumentais”, foram relegados para segundo plano pelos seus descobridores.

#### Referências Bibliográficas:

- BICHO, Nuno Ferreira (2006) – *Manual de Arqueologia Pré-Histórica*, Edições 70.
- CASTRO, L. A.; FERREIRA, O. V. (1959) – “Vaso do tipo Neolítico do Alto da Toupeira – Lousa”, *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*, vol. I, Lisboa, pp.109-110.
- CARVALHOSA, António; ZBYSZEWSKI, G. (1991) – *Carta Geológica de Portugal, Notícia explicativa da Folha 40 – B, Reguengos de Monsaraz*, Serviços Geológicos de Portugal, p. 51
- CARDOSO, J. L., CARVALHO, A. F. e NORTON, J. (1998) – “A estação do Neolítico Antigo de Cabranosa (Sagres, Vila do Bispo): estudo dos materiais e integração cronológico-cultural”, *Arqueólogo Português*, Série IV, 16, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, pp. 55-96.
- COURTIN, J. (1972) – “Vase néolithique ancien à anses superposés découvert à Ensuiès près de Marseille, Bouche du Rhône”, *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, Paris, 69: II, pp. 533-537.
- DINIZ, Mariana (2007) – “O Sítio da Valada do Mato (Évora): aspectos da neolitização no Interior/Sul de Portugal”, *Trabalhos de Arqueologia*, 48, Lisboa, IPA.
- GAMNA (2005) – “Vaso do Monte da Vinha. Espólio da Gruta do Correio-Mór”, *Boletim Informativo*, nº 5, Janeiro, Grupo de Amigos do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, p. 1.
- GUILAINE, J. e FERREIRA, O. da Veiga (1970) – “Le Néolithique ancien au Portugal”, *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, Paris, 67: I, pp. 304-322.
- HARRIS, Edward C. (1991) – *Princípios de Estratigrafia Arqueológica*, Editorial Crítica, Barcelona.
- HARRIS, Edward C.; BROWN III, Marley e BROWN, Gregory (1993) – *Practices of Archaeological Stratigraphy*, Academic Press.
- PESSOA, M. (1983) – “Vaso Neolítico de Casével”. *Arqueologia*, Porto, 7, pp. 16-23.
- PRICE, T. D. (2000) – “The introduction of farming in northern Europe. *Europe's First Farmers*, ed. T. Douglas Price, Cambridge, Cambridge University Press, pp. 260-300.
- RODRIGUES, F. (2008) – “O Recinto de Fossos da Ponte da Azambuja 2 (Portel, Évora): primeira notícia”, *Apontamentos de Arqueologia e Património – 2*, NIA, Lisboa, pp.49-56.
- SIMÕES, T. (1999) – “O sítio neolítico de São Pedro de Canaferrim, Sintra. Contribuições para o estudo da Neolitização da Península de Lisboa”, *Trabalhos de Arqueologia*, 12, Lisboa, IPA.
- VALERA, A.C., TERESO, J.P., REBUJE, J. (2006) – “O Monte da Quinta 2 (Benavente) e a Produção de Sal no Neolítico Final/Calcolítico Inicial do Estuário do Tejo”, *Do Epipaleolítico ao Calcolítico na Península Ibérica. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular*, Universidade do Algarve, Promontoria Monográfica 04, pp. 291-305.

Carta Militar de Portugal à escala 1:25 000, do IGeoe, folha nº 472

Carta Geológica de Portugal, folha 40-B

<http://www.ipa.min-cultura.pt/>  
[www.ippar.pt](http://www.ippar.pt)



**Associação dos Arqueólogos Portugueses**

